



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

ARTE DE EDUCAR E CONEXÃO RAZÃO-SENTIMENTO E PENSAMENTO- ARTE EM ROUSSEAU: UMA FORMAÇÃO ESTÉTICA DA INFÂNCIA

Lia Presgrave Reis¹ (PPGE/UFSC)

Marlene de Souza Dozol² (PPGE/UFSC)

Resumo: a pesquisa pretende investigar a diluição das fronteiras entre sentimento e razão na obra de Jean-Jacques Rousseau. Baseando-se na relação que tais faculdades estabelecem entre si, pretende-se mostrar que a suavização desses limites está relacionada à conexão entre filosofia e artes na obra do filósofo, mais detidamente a literatura conforme interpretação de Bento Prado Jr. (2008), o que apontaria para um esmaecimento das fronteiras entre os gêneros (neste caso o literário e o filosófico) na obra do filósofo genebrino. Diante disso, propõe-se pensar o viés estético do sentimento em sua obra e, a partir desta premissa, conceber a apreciação do sentimento estético como ponto de formação da consciência, esta última amálgama de razão e sentimento segundo Rousseau. A relação de tais objetivos com a pedagogia emerge do fato de o conceito de educação ser, neste contexto, igualmente um conceito de formação estética. A investigação tenta entrever relações entre os pares razão-sentimento e o prolongamento filosofia-arte que possam contribuir para conferir a dimensão estética da obra de Rousseau e de sua concepção de infância. Para tal, toma-se de empréstimo a expressão “poética da superfície” cunhada por Marlene Dozol (2015) para indicar uma atitude e um olhar de leveza lançado sobre as coisas, aliado a uma vivência do instante e do tangível, uma imediatez das sensações. A “experiência do instante” e a do “presente como duração de si mesmo” são peculiares à errância do devaneio e ao leve pousar da presença da criança nas relações que trava com seu entorno. Com o auxílio da *Poética do devaneio* de Bachelar (2009), a “poética da superfície” elegerá o instante para pensar tanto a retórica do Rousseau romântico de *Os devaneios do caminhante solitário* e de *Júlia ou a Nova Heloísa* quanto a dimensão estética da formação infantil.

Palavras-chave: Jean-Jacques Rousseau. Sentimento. Razão. Consciência. Infância. Formação estética.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Membro integrante do Núcleo de Pesquisa GRAFIA – Grupo de Estudos em Filosofia da Educação e Arte.

² Professora Associada do Centro de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro integrante do Núcleo de Pesquisa GRAFIA – Grupo de Estudos em Filosofia da Educação e Arte.

I

Este artigo corresponde ao inicial projeto de tese que submeti para o ingresso no Doutorado em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, a pesquisa vem tomando outros rumos, contudo talvez analisando ainda alguns dos problemas mencionados neste artigo.

Um dos objetivos desta pesquisa trata de investigar a diluição das fronteiras entre sentimento e razão na obra rousseauiana. E baseado na relação que ambas as faculdades estabelecem entre si, pretende-se mostrar que a suavização de tais limites está intimamente relacionada à fusão entre filosofia e artes na obra do filósofo genebrino. Diante disso, propõe-se pensar o viés estético do sentimento na obra de Jean-Jacques Rousseau e, a partir desta premissa, construir um conceito de formação da consciência tomando como base o sentimento estético, isto é, conceber a apreciação do sentimento estético como ponto de formação da consciência. A pesquisa conecta-se com a pedagogia pelo fato de o próprio conceito de educação, neste caso, ser um conceito de formação estética.

O estudo da consciência na obra de Rousseau abriga uma novidade para o leitor contemporâneo: a visão moderna de consciência enquanto sentimento (e não um julgamento) natural ou inato. Definida por Rousseau (2004) como princípio inato de justiça e de virtude a partir do qual o indivíduo julga suas ações e as de outrem como boas ou más, a consciência é também frequentemente descrita pelo genebrino como voz interior ou da natureza e não como voz da razão como se poderia inicialmente supor, embora seja potencializada e validada pela razão quando surge o raciocínio no indivíduo. No contexto das Luzes, o conceito de consciência atrelava-se à ideia de bem, equivalendo à manifestação da natureza no indivíduo, a uma intuição que lhe sugeria o correto e o predisponha à bondade natural, segundo Rousseau. De acordo com Raymond (1969), a consciência conferia ao indivíduo o “privilégio da infalibilidade” uma vez que na filosofia rousseauiana essa voz natural corresponderia a critérios infalíveis de verdade e virtude utilizados para orientar as ações humanas, análogo a um princípio moral para reger as condutas: “Veze demais a razão nos engana [...], mas a consciência nunca engana. Ela é o verdadeiro guia do homem; [...] quem a segue obedece à natureza e não tem medo de se perder” (ROUSSEAU, 1969, pp. 594-595; trad. bras. 2004, pp. 405). Neste excerto, Jean-Jacques aproxima a noção de consciência à de natureza, transformando aquela em um análogo de natureza humana, a qual na obra

de Rousseau corresponderia a um amálgama dos caracteres humanos acrescidos das manifestações de uma natureza-providência.

A consciência adquire dimensão moral com o surgimento da razão no indivíduo e sua inserção na sociabilidade, ingresso a partir do qual potencializa de modo ambivalente a perfectibilidade¹, a capacidade de razão e a liberdade humanas. Não obstante, o genebrino estabelece uma relação de determinação mútua entre consciência e razão, tanto devido ao desenvolvimento da consciência no estado social estar condicionado ao desenvolvimento da razão quanto ao fato da consciência (enquanto sentimento natural) fundamentar a razão do indivíduo dada a sua anterioridade em relação a esta última. Rousseau evidencia essa conexão: “Só a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal. A consciência que nos faz amar a um e odiar ao outro, embora independente da razão, não pode, pois, desenvolver-se sem ela” (ROUSSEAU, 1969, p. 288; trad. bras. 2004, p. 56).

II

Um desdobramento dos objetivos desta pesquisa trata de tentar entrever relações entre a fusão razão-sentimento e o prolongamento filosofia-arte que possam contribuir para conferir a dimensão estética da obra de Rousseau e de sua concepção de infância. Para tal, tomar-se-á de empréstimo a expressão “poética da superfície” cunhada por Marlene Dozol (2015) para indicar uma atitude e um olhar de leveza lançado sobre as coisas, aliado a uma vivência do instante e do tangível, uma imediatez das sensações. De acordo com esta interpretação, a “experiência do instante” (DOZOL, 2015, p. 19) e a do “presente como duração de si mesmo” (DOZOL, 2015, p. 26) são peculiares à errância do devaneio e ao leve pousar da presença da criança nas relações que trava com tudo que a cerca. Nesse sentido, a poética da superfície elege o instante como forma para pensar tanto a retórica do Rousseau romântico de *Os devaneios do caminhante solitário* e de *Júlia ou a Nova Heloísa* quanto a dimensão estética da formação infantil.

Dozol (2015) alça o devaneio e a errância (da criança e do Rousseau artista) a um patamar estético que à luz de tal abordagem inauguraria na concepção de infância do

¹ O conceito de perfectibilidade em Rousseau corresponde à capacidade humana de aperfeiçoamento, uma disposição inata que pode ou não ser desenvolvida, a qual seria também responsável por retirar do aperfeiçoamento humano – aqui entendido como a própria formação do indivíduo – a ideia de perfeição como um limite a ser atingido. Nesse sentido, a primazia da concepção de aperfeiçoamento em detrimento de uma ideia de perfeição contribuiria para conferir à infância e as demais etapas da formação uma beleza e um valor intrínsecos, respeitando as demandas de cada fase do desenvolvimento do indivíduo.

genebrino uma poética da superfície expressa na leveza da presença infantil em tudo que ela alcança e igualmente no interesse da criança pelo que é aparentemente insignificante. De acordo com essa perspectiva, as relações que perpassam a poética da superfície passariam de pura fruição de um objeto ou impressão artística para extrair dessa dinâmica pensamento e arte. Em relação ao discurso de Rousseau, tal poética também se mostra na inclinação do filósofo em conferir importância a temas e atividades comumente julgadas menores a exemplo da botânica. O genebrino atribui importância estética a essas tarefas através do olhar diligente lançado a elas, bem como para a infância, fase devaneante e errante por excelência. Entretanto, a poética da superfície que aflora dessas relações não é sinônimo de superfluidade como Dozol esclarece, havendo então uma profundidade emergente desse processo. Há, de fato, um mergulho nesse demorar-se e perder-se no descobrimento da natureza (a exemplo das atividades botânicas relatadas nos *Devaneios*), no “devaneio miniaturizante” (BACHELAR *apud* DOZOL, 2015, p. 27), ou seja, na relação do ser errante e devaneante com o supostamente menor e aparentemente insignificante, no olhar encantado de começo direcionado às coisas, ambos muito peculiares à criança e ao artista e característicos do idílio tanto da infância quanto do Rousseau dos *Devaneios* e da *Nova Heloísa*. Dozol destaca também que as relações expressas na poética da superfície contribuem para a construção dos fundamentos estéticos da pedagogia rousseauiana exposta na *Nova Heloísa* e no *Emílio*.

A leveza lançada sobre as coisas bem como a vivência do instante e do tangível, além de serem marcas da postura da criança diante da vida (em oposição a uma profundidade trágica do mundo adulto racional), estão manifestas igualmente no retorno de Rousseau ao paraíso perdido exposto na sua relação idílica e delirante com a natureza física presente nas imagens dos ambientes naturais esboçados pelo filósofo na *Nova Heloísa* e nos *Devaneios*. Nesta interpretação, o vínculo de Rousseau com o ambiente é patente nas atividades botânicas das quais se utiliza para fugir ao convencionalismo do “comércio barulhento” da sociedade que tanto o aflige. Dessa maneira, ao perder-se nessas tarefas esquece de si mesmo e, assim, reconcilia-se momentaneamente consigo através da conquista de uma felicidade simples vivida numa espécie de eterno presente pleno por meio do seu distanciamento da vida citadina e de sua fusão com a natureza. Na quinta caminhada dos *Devaneios*, Rousseau discorre sobre tal ambiência de espírito:

Contudo, se existe um estado em que a alma encontra uma base sólida para descansar por inteiro e reunir todo seu ser, sem precisar lembrar o passado ou avançar sobre o futuro; em que o tempo nada é para ela; em que o presente dura para sempre sem no entanto marcar sua duração e sem nenhum sinal de sucessão, sem nenhum outro sentimento de privação ou deleite, de prazer ou de dor, de desejo ou temor que o de nossa existência, e em que apenas esse sentimento a preencha por inteiro; enquanto esse estado durar, quem nele se encontra pode se chamar de feliz, não de uma felicidade imperfeita, pobre e relativa, como aquela encontrada nos prazeres da vida, mas uma felicidade suficiente, perfeita e plena, que não deixa na alma nenhum vazio que ela sinta necessidade de preencher (ROUSSEAU, 2008, p. 69-70).

A natureza, cujos caracteres Rousseau pretende dar a ver também no interior das relações humanas, simboliza, de acordo com o genebrino, o lugar onde os mistérios descansam, bálsamo, alento e repouso das malignidades da vida social considerada por ele corrompida.

O diagnóstico traçado por Rousseau acerca da corrupção reinante na sociedade leva-o a um estado de desencanto crescente em relação à sociedade. Nesse sentido, o retorno e a imersão do genebrino na natureza física, o fascínio pela solidão também atuariam como sintoma dessa incapacidade e/ou recusa em se adequar ao jogo social. Logo, incapaz de se reconhecer na realidade da vida civil, volta-se para uma natureza a qual, na sua visão, é fonte de toda beleza e virtude:

Outrora vivi com prazer na sociedade, quando via em todos os olhos apenas benevolência ou, no pior dos casos, indiferença naqueles que me desconheciam. Mas hoje, quando é mais fácil mostrarem meu rosto ao povo do que minha natureza, não posso colocar os pés na rua sem me ver cercado de objetos dilacerantes; apresso-me em chegar a passos largos no campo; assim que vejo a vegetação começo a respirar. Será preciso se espantar por eu amar a solidão? Vejo apenas animosidade nos rostos dos homens, ao passo que a natureza sempre me ri (ROUSSEAU, 2008, p. 127-128).

Em Rousseau, natureza é também diretriz, origem. Por essa razão, as narrações e descrições rousseauianas das atividades botânicas, do cultivo dos jardins, entre outras tarefas de descobrimento, observação e imersão na natureza são relevantes para a interpretação em questão porque constroem não apenas um cenário para impulsionar o veio romântico do filósofo, mas configuram elementos fundamentais para a compreensão da feição romântica em sua obra.

Marca romântica em algumas obras do autor e ponto importante para tentar compreender a retórica do Rousseau dos *Devaneios* e da *Nova Heloísa* é a “fusão entre

o homem e a natureza a ponto de fazer dela o conteúdo da própria consciência” (MORETTO, 1994, p. 16), união que nessas obras utiliza-se da natureza para inspirar estados de alma nas personagens, ligando as paisagens retratadas pelo Rousseau artista ao estado de espírito, o exterior ao interior. Há na relação de Rousseau com a natureza uma mútua determinação, pois apesar de o filósofo projetar nela o seu ânimo, a natureza por vezes também lhe sugere estados de ânimo já que ambos nessa fusão participam da mesma consciência, traços que já prenunciariam uma veia romântica na obra do filósofo:

O fluxo e o refluxo dessa água, seu ruído contínuo e retomado a cada intervalo, atingindo sem parar meus ouvidos e meus olhos, substituíam os movimentos internos que o devaneio apagava em mim e bastavam para me fazer sentir com prazer minha existência sem me dar ao trabalho de pensar. De tempos em tempos, nascia alguma fraca e pequena reflexão sobre a instabilidade das coisas deste mundo, cuja imagem a superfície das águas me oferecia, mas logo essas impressões ligeiras se apagavam na uniformidade do movimento contínuo que me embalava [...] (ROUSSEAU, 2008, p. 68).

Em relação à dimensão estética presente na infância e na obra de Rousseau destacada pela presente interpretação, alçar o interesse pelo menor a uma poética da superfície é olhar cuidadosa e detalhadamente o universo da infância. Tal poética realizar-se-ia igualmente na atitude rousseauiana de conferir um caráter sublime e de provocar um estranhamento no sentido de desbanalizar a cotidianidade da infância, trazendo à tona a graça e o encantamento contidos nessa cotidianidade para debruçar-se sobre ela do modo diferenciado que tornou célebre a concepção de infância em Rousseau. Com efeito, ainda que relativa à superfície, esta poética é uma imersão nos meandros da constituição infantil e da retórica de Rousseau cuja narrativa, neste caso, focaliza a beleza e o valor intrínseco da infância. Somado a isso, o caráter inovador das investigações sobre a criança desaguaria igualmente na invenção rousseauiana dos conceitos de educação negativa e, sobretudo, o de educação natural (este último abrangendo o primeiro), os quais balizariam a pedagogia e a filosofia da educação de Rousseau. Em *Carta a Christophe de Beaumont*, o genebrino expõe sua concepção de educação negativa:

Denomino educação positiva aquela que pretende formar o espírito antes da idade e dar à criança um conhecimento dos deveres do homem. Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos e nos preparar para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, muito ao contrário. Não produz virtudes, mas evita os vícios; não ensina a verdade, mas

protege do erro. Ela prepara a criança para tudo o que pode conduzi-la à verdade, quando estiver em condições de entendê-la, e ao bem, quando estiver em condições de amá-lo (ROUSSEAU, 2005, p. 57).

Ao preservar a criança de tal maneira, Rousseau objetiva frear a aquisição de alguns conhecimentos, “mas também retardar o desenvolvimento dos sentimentos e das paixões” na infância para prevenir que uma assimilação errônea ou inadequada a esta fase contribua para fomentar na mente e no coração da criança um erro ou vício irreparável mesmo na idade adulta, segundo Jean-Jacques (WALLON, 1968, p. 57, trad. nossa). Em suma, a compreensão do tratamento diferenciado concedido à infância e do interesse pelo menor como poética estaria, entre outros fatores, na atitude de ressignificar o valor da infância e dos devaneios, atribuindo-lhes dimensão estética.

III

No estado social, o emprego da razão é indissociável da própria ideia de consciência para pensar a natureza humana nos termos propostos pelo filósofo. Por conseguinte, a reciprocidade da relação entre sentimento (que também é natureza) e razão em Rousseau é uma evidência da sua tentativa de outorgar aos sentimentos naturais humanos o mesmo estatuto que comumente possuem os conteúdos racionais da constituição do indivíduo. Eis um dos aspectos peculiares à filosofia de Rousseau. Assim, no entender do filósofo, afora sua face corrompida pela opinião, paixões nefastas e preconceitos da vida social, em outro extremo o sentimento é encarado em sua obra de modo edificante, sendo vinculado à razão para conferir legitimidade e autenticidade às ações e relações humanas e igualmente um recurso para manter o homem no caminho natural. Sendo assim, a razão aliada ao sentimento ambos possibilitam a compreensão do indivíduo, cujo caráter é atravessado por essas duas faculdades de tal modo que é impossível dissociar uma da outra à luz desta filosofia.

Embora atualizado por questões contemporâneas, o conceito rousseauiano de consciência abriga uma novidade para o leitor atual: a visão moderna de consciência enquanto sentimento inato ou natural. Embora as acepções em vigor comumente veiculem a ideia de percepção não-inata, este sentido acrescenta ao moderno uma noção mais precisa de julgamento e reflexão, se não ausente, ao menos sutil na significação anterior do conceito de consciência.

A fusão entre razão e sentimento encontra na consciência um fio condutor para

pensar tal conexão na obra de Rousseau devido ao fato de a consciência, segundo o filósofo, representar um amálgama de razão e natureza (sentimento) no espírito humano. Assim, a consciência figuraria como o ponto de convergência entre a razão e o sentimento na filosofia de Rousseau, o que ofereceria uma potência vigorosa à compreensão das relações entre sentimento, razão e consciência na obra do autor. Nesse sentido, pretende-se traçar um paralelo entre tal conceito de consciência com o olhar estético que necessitaria de razão e sensibilidade para ser desvelado. Dessa maneira, o objetivo de investigar na obra de Rousseau uma ausência de distinção entre razão e sentimento propiciadora de uma unidade entre ambas as faculdades deve-se também ao fato de que a fusão entre elas é mediada pelo sentimento estético, visto que as apreciações estéticas são simultaneamente de ordem emocional (sensorial e psíquica) e intelectual.

A respeito da dimensão estética do sentimento como princípio para a formação da consciência, esta é natural à luz da presente interpretação igualmente devido ao seu caráter estético, não-racionalizado, não-distinto da razão. Embora, de acordo com a concepção de Rousseau, o aspecto natural da consciência esteja incluso na feição de sentimento inato que aquela encerra, parece ser possível acrescentar o estético como traço que também confere um caráter natural à consciência.

No âmbito da pedagogia, a conexão dos interesses da investigação com a referida área emerge do fato de o próprio conceito de educação, neste caso, ser um conceito de formação estética, ou seja, nesta interpretação a ideia de educação em Rousseau coincide com a própria formação estética do indivíduo. Portanto, é necessária uma formação da sensibilidade sobretudo para desenvolver os caracteres mais naturais do indivíduo, os quais, segundo o genebrino, representam a marca humana por excelência no sentido de trazer à tona o que aquele possui de mais autêntico, sublime e genuíno dentro de si.

Porque em Rousseau a consciência é também sentimento inato, manifestação no indivíduo de uma natureza sublime que pode abrigar e introduzir dimensões estéticas para a natureza humana, pretende-se investigar tal fusão entre razão e sentimento à luz de uma abordagem filosófico-literária da obra do genebrino. A partir desse processo, simultaneamente intelectual e sensível, intenta-se compreender como ocorreria na criança a formação estética que apresenta como um dos seus principais objetivos a educação da sensibilidade. Baseado nisso, deseja-se esclarecer como a educação estética corresponderia à própria formação humana. Esta última, na perspectiva da pedagogia

rousseauiana, ressalta a educação como acesso à razão, todavia colocando no mesmo patamar de importância a sensibilidade a qual, segundo Rousseau, representa o meio para atingir a porção mais natural e, portanto, genuína e autêntica do humano que vislumbraria nos caracteres naturais (de espontaneidade, de leveza, entre outros) da criança o arquétipo desse humano ideal preconizado pelo filósofo. A esse respeito, um questionamento é saber em que medida esses caracteres naturais seriam válidos numa sociedade real, considerada por Rousseau corrompida. Seu desenvolvimento teria alguma repercussão formativa na constituição dos indivíduos? Atuariam como horizonte ou ideia reguladora ou seriam mesmo impossíveis nas sociabilidades de então?

Como mencionado anteriormente, pretende-se mostrar que na obra rousseauiana a diluição das fronteiras entre razão e sentimento está intimamente relacionada a um prolongamento entre filosofia e artes que, então, apontaria para uma ruptura com a distinção entre os gêneros filosófico, literário e pedagógico, a saber, entre pensamento e arte na obra de Rousseau. Em termos pedagógicos, talvez o enfraquecimento das rígidas fronteiras entre o filosófico, o literário e o pedagógico aponte para a matéria vária pela qual a natureza humana e a experiência se compõem. Por essa razão, a criança necessitaria dessa mescla de interpretações para ser compreendida e conduzida de maneira cada vez mais sofisticada como destacou Dozol (2015) no sentido de promover uma pedagogia que valorize o olhar, o detalhe, a nuance comuns ao silêncio e à solidão como expõe Rousseau tanto nos seus exercícios de observação de crianças e no trabalho preceptor com Emílio, seu aluno experimental. Assim, talvez seja possível pensar que a poética da superfície no interior da pedagogia rousseauiana lograria – nas palavras de Bornheim (1988, p. 92) sobre a aprendizagem do olhar de Merleau-Ponty (2004) – “uma reeducação dos sentidos, em especial da visão”, o que poderia de algum modo favorecer o desenvolvimento da formação estética da infância e se aproximar do modo de educação negativa proposto por Rousseau.

Referências

BACHELAR, Gaston. Os devaneios voltados para a infância. In: **Poética do devaneio**. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009 (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno).

BORNHEIM, Gerd. As metamorfoses do olhar. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DOZOL, Marlene de Souza. Jean-Jacques Rousseau entre uma poética da superfície e a ideia de infância. **Educação e Pesquisa – FEUSP**. São Paulo, v. 41, n. 1, p. 17-31, jan./mar. 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Trad. de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MORETTO, Fulvia M. L. Introdução. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou a Nova Heloísa**. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: HUCITEC, 1994.

PRADO JÚNIOR, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAYMOND, Marcel. Les écrits sur l'éducation et la morale. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1969 (Collection “Bibliothèque de la Pléiade”, Tome IV).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta a Christophe de Beaumont [1762]. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral**. Trad. de José Oscar de A. Marques [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. **Emílio ou da educação** [1762]. Trad. de Roberto L. Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Júlia ou a Nova Heloísa** [1761]. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. **Os devaneios do caminhante solitário** [1782]. Trad. de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

WALLON, Henri. Écrits et souvenirs: Introduction à l'Émile. In: **Enfance**. Paris, Tome 21, n°1-2, pp. 53-89, 1968.